

Apresentação de nosso Senhor no Templo

Nota editorial – *O Livro de Oração Comum (pg. 14) determina a precedência das festas de Nosso Senhor nos domingos. No ano de 2002, a festa da Apresentação de Nosso Senhor Jesus Cristo no Templo cai no 4º. domingo da Epifania. Por isso estamos priorizando o comentário às leituras próprias da festa. Porém, abaixo, o leitor encontrará também os comentários para o 4º. domingo da Epifania, a serem observados no próximo ano B. Os comentários à festa da Apresentação foram feitos pelo Rev. Carlos Eduardo B. Calvani.*

1ª leitura - Malaquias 3.1-4

O texto de Malaquias procede da época do restabelecimento do culto judaico no Templo reconstruído de Jerusalém, após o exílio na Babilônia. A escolha dessa perícopes para a festa da apresentação de nosso Senhor no Templo, provavelmente deve-se ao versículo 1 – o anúncio da entrada do Senhor no Templo, em forma de Anjo da Aliança. Essa entrada visa purificar o Templo “contra os que oprimem o assalariado, a viúva e o órfão”.

Costumamos cantar em nossas liturgias: “Deus está no Templo...”. Vale perguntar, porém, quais as implicações da presença de Deus em nossos locais de culto. Essa presença é sempre purificadora e visa conduzir seu povo à coerência na fé, a fim de que nossas palavras, cânticos, orações e pregação, sejam coerentes com o caráter do Deus que defende os mais fracos. Por isso, o texto afirma: “eu me aproximarei de vós para o julgamento”. (CEBC)

2ª leitura (Epístola) – Hebreus 2.14-18

O perfil de Cristo neste trecho é a Palavra que se fez homem. A esse homem é dado o domínio de todas as coisas. O propósito do texto é encorajar e animar os leitores recorrendo à cristologia e escatologia. Isso se percebe na tensão entre o “já” e o “ainda não”. Ao submeter-se ao rito de apresentação no templo, comum a toda criança judaica, Cristo estava também se identificando com nossa humanidade, participando de nossa condição a fim de destruir o dominador da morte (cf vers. 14). O texto enfatiza que Cristo se tornou semelhante a nós, seus irmãos na carne. Só assim poderia ele ser reconhecido sumo sacerdote fiel para expiar os pecados do povo.

O texto destaca a encarnação e a plena identificação de Cristo conosco: Cristo uniu-se a nós em “carne e sangue” (vers. 14), “participou da mesma condição humana” e “sofreu as mesmas tentações que sofremos” (vers. 18). Essa condição humana é marcada pelo emblema da morte. Mas pela sua ressurreição, Cristo venceu as tentações, a angústia existencial, a ansiedade e a morte. Por isso é capaz de socorrer a nós, que vivemos com a consciência e ameaça da morte, mas também com a certeza da vitória final. (CEBC)

Santo Evangelho – Lucas 2.22-40

Esse é um dos mais belos textos dos evangelhos da infância de Jesus. A revelação de Cristo aqui se dá sem nenhuma palavra. Afinal, ele era uma

criança de colo. Mesmo assim, o impacto de sua presença foi capaz de consolar e alegrar o velho Simeão. Ele era um dos tantos que, durante séculos, esperou pela vinda do Messias. Era um dos tantos que se nutriram das promessas dos profetas. E a Bíblia diz também que o Espírito Santo havia colocado em Simeão uma certeza: a de que antes de morrer, ele veria o Messias, o Cristo, o Ungido de Deus. No dia da apresentação de Cristo no templo, o velho Simeão estava lá, e quando viu aquele casal chegando com seu filho ainda bebê, percebeu que aquela criança era a portadora da salvação.

Simeão não precisava esperar mais. Simeão havia visto o que queria: a salvação prometida. É certo que ele não viveria tempo suficiente para ver o menino crescer. Mas o mais importante é que ele foi capaz de contemplar numa criança, o poder salvífico de Deus.

Esse é o grande paradoxo da fé. Nós valorizamos muito as coisas grandiosas e poderosas. Imaginamos que o poder de Deus sempre tem que se manifestar de forma grandiosa e espetacular. Naquele dia, no templo, não houve nada disso. Mas houve uma surpreendente revelação a um velho: a de que o mistério da salvação é trazido por uma criança. A salvação tem a natureza de uma criança.

Aquela criança era o Verbo encarnado. Em sua encarnação, identifica-se com a fragilidade de toda criança, mas também com todo o seu potencial. Infelizmente, nós não temos sido capazes de compreender suficientemente o mistério dessa encarnação. Prova disso é o abandono da infância e o descaso para com as crianças do nosso país.

Mas o texto finaliza (vers. 40), afirmando que Jesus crescia e se fortalecia em sabedoria e graça. Novamente, o evangelho de modo bastante sutil, os direitos de toda criança: o pleno desenvolvimento físico, intelectual e espiritual. O texto nos oferece a possibilidade de perguntar: como temos tratado e nos comprometido com as crianças do nosso país? De que modo a Igreja tem colaborado com as instituições encarregadas de zelar pelo desenvolvimento físico e intelectual das crianças? e até que ponto temos dado prioridade às crianças em nossa liturgia e em nossa pastoral, visando o seu crescimento "em graça"?

Hoje é uma boa oportunidade de inserir as crianças da paróquia de modo bastante ativo na liturgia. Nelas manifesta-se a fragilidade e o poder de Deus. Mas nem todos são capazes de ver isso. Apenas os que realmente esperam a salvação. Bem aventurados são os olhos daqueles que contemplam as crianças, se alegram com elas e vislumbram nelas, um futuro diferente. (CEBC)